

TESS NÃO VEIO A CURITIBA;  
*ou das dificuldades de adaptação dos imigrantes ingleses  
às colônias agrícolas do Paraná no século XIX.*

Magnus R. M. Pereira

Professor do Departamento de História da UFPR

Desde que tomei contacto com os documentos sobre a Colônia Assungüi, que compõem esta edição da revista Monumenta, lembrei-me de um filme de Roman Polanski, cuja ação se desenrola na Inglaterra da segunda metade do século XIX. No filme, o diretor explora magistralmente o contraste entre a beleza da 'sem-terra' Tess, interpretada por Nastassja Kinski, e a situação de miséria dos camponeses da Inglaterra. Perguntará o leitor, o que tem a ver o filme com a Colônia Assungüi? A conexão é um pouco mais forte do que a notória emigração de miseráveis camponeses europeus para o Brasil.

O filme de Polanski é uma versão cinematográfica do conhecido romance *Tess of D'Urbervilles*, de Thomas Hardy. Um dos personagens centrais do romance é Angel Claire, o marido de Tess, que a abandona e vem para o Brasil. Por onde teria andado Angel em seu périplo pelos trópicos? Estava aqui no Paraná, passando pelas agruras sofridas pelos colonos europeus que vieram para o Novo Mundo no século XIX. Angel é a versão ficcional de um dos muitos colonos ingleses que passaram pelo malfadado assentamento do Assungüi, atraídos pelo canto de sereia de agentes de imigração inescrupulosos.

Andando a esmo, ele observou nos arredores de uma pequena cidade uma placa anunciando as grandes vantagens do Império do Brasil, como um campo para pequenos agricultores. A terra era oferecida em termos excepcionalmente vantajosos. O Brasil, de alguma maneira, o atraiu como uma nova idéia. Tess poderia eventualmente encontrá-lo lá [...].<sup>1</sup>

---

<sup>1</sup>HARDY, Thomas. *Tess of the D'Urbervilles*. New York: W. W. Norton, 1979. p.218. As citações de Hardy são traduções livres do autor

Mas Tess nunca emigrou para o Paraná e Angel Claire, fracassado seu projeto sulamericano, retorna à Inglaterra. Hardy construiu imagens bastante fortes de sua chegada à casa paterna. Após as andanças pelos climas inóspitos curitibanos, o jovem inglês está completamente depauperado pelo sofrimento e pelas doenças. Sua mãe mal o reconhece.

— Oh, este não é Angel - não é meu filho - o Angel que foi embora!

O pai dele também ficou chocado em vê-lo, tão reduzido como uma figura aos seus contornos [...]. Podia-se ver o esqueleto através do homem e quase o espírito através do esqueleto. Ele se assemelhava ao Cristo morto, de Crivelli. Seus olhos fundos eram de uma mórbida nuance, e a luz em seus olhos era pálida.<sup>2</sup>

O retorno desses imigrantes teve um certo impacto na imprensa britânica e o romancista vitoriano aproveitou-se disto para dar verossimilhança ao personagem. Todavia, Claire não era um imigrante típico. Filho de fazendeiros, emigrara para fugir de um dilema moral, não para escapar à miséria, como os verdadeiros imigrantes. O movimento de imigração coincidiu, por acaso, com seu desejo de fugir do próprio passado.<sup>3</sup>

É provável, como afirmou Temístocles Linhares, que Hardy tivesse lido *Pioneering in South Brazil*, publicado em Londres em 1878.<sup>4</sup> Neste livro, o engenheiro Thomas Plantagenet Bigg-Wither relata os seus *Three years of forest and prairie life in de Province of Paraná*. Também é possível que conhecesse o Relato da Colônia do Assungüi, que ora publicamos. Mesmo que ele não tenha lido seu conterrâneo Bigg-Wither, ou o Relatório do cônsul Hunt, o fato é que o fracasso da imigração inglesa para o Assungüi chamou a atenção da opinião pública britânica.

A inadaptação dos britânicos à dura realidade do Assungüi não foi, no entanto, um caso especial. Falharam todos os assentamentos

<sup>2</sup> HARDY, op. cit. p.304.

<sup>3</sup> HARDY, op. cit. p.282.

<sup>4</sup> BIGG-WITHER, Thomas. *Novo caminho no Brasil meridional*, a Província do Paraná. Rio de Janeiro: José Olympio, 1974. p.xvi.

agrícolas de britânicos na América do Sul.<sup>5</sup> Mesmo nos Estados Unidos e no Canadá, eles não foram particularmente bem sucedidos. Anteriormente, já havia ocorrido casos similares no sul do Brasil. A Colônia Dona Francisca, atual Joinville, e a de Monte Bonito, no Rio Grande do Sul, foram desertadas por seus colonos irlandeses. D. Pedro II pagou o transporte para os EUA da primeira leva de ingleses chegados ao Brasil, em 1868. Abria-se, assim, uma tradição de retorno à Inglaterra ou de reimigração desses colonos. A pergunta que se colocou tanto para os governos brasileiro e paranaense, quanto para o próprio governo britânico era uma só: Eram os súditos de sua Majestade a Rainha Vitória maus colonos?

Os agentes diplomáticos ingleses e mesmo a historiografia britânica procuraram atribuir a inadaptação dos imigrantes aos países de acolhimento. Hardy aceitou estes argumentos e usaria os pensamentos de Tess para difundir, ainda mais, a idéia de que se tratavam de pobres fazendeiros ludibriados.

Enquanto isso, os dias do seu marido tinham sido cheios de provações. Neste momento ele estava de cama com febre, nas terras barrentas de Curitiba, no Brasil, tendo sido apanhado por uma tempestade e perseguido por outras desgraças, assim como todos os fazendeiros e lavradores ingleses, os quais, justamente naquela época, foram enganados pelo governo brasileiro [...].<sup>6</sup>

A desorganização da política brasileira de imigração era sabida: agentes corruptos que aliciavam sem atender aos critérios estabelecidos, colônias mal localizadas e sem vias de comunicação adequadas, às vezes terras ruins, demora no assentamento dos colonos, enfim, descumprimento generalizado das condições oferecidas no recrutamento.<sup>7</sup> Isso não impediu que grandes levas de imigrantes de

---

<sup>5</sup> Ver os casos da Venezuela, Chile e Argentina em JONES, Maldwyn A. *El Reino Unido y América; emigración británica*. Madrid: Editorial Mapfre, 1992. p.283 e ss.

<sup>6</sup> HARDY, op. cit. p.229. Maldwyn Jones supôs, erradamente, que estas passagens tiveram a força de fazer cessar, em 1873, a ajuda oficial britânica à imigração ao Brasil. Hardy começou a escrever a sua novela em 1888 e só a publicou na íntegra em 1891. JONES, op. cit.294.

<sup>7</sup> Não se pode imaginar os projetos oficiais de colonização fossem mal intencionados. O governo da nascente Província do Paraná, colocava grandes esperanças na colônia do Assungüi, quando ela foi criada, na década de 1850. Ver AVÉ-

diversas nacionalidades permanecessem no país. O próprio cônsul britânico constatou o sucesso quase espontâneo da imigração alemã. Haveria algo especial na composição dos grupos de imigrantes ingleses que dificultava a sua adaptação às terras de acolhimento?

O relato do cônsul inglês nos coloca diante de uma colonização tipicamente familiar. Eram 102 famílias nucleares, algumas chefiadas por viúvos, outras sem filhos, contra 14 solteiros, se excluirmos uma criança solitária (um órfão?) que vivia em casa de terceiros.<sup>8</sup> Entre os solteiros predominavam os homens, apenas Jane Bishop e Mary Witherton faziam-lhes companhia. Elas deixaram-se ficar na sede da colônia, ou porque não lhes atribuíram terras ou porque a tarefa de transformar a mata em campo arado era tida como demasiada para uma mulher sem companheiro. Nenhum dos homens sozinhos declarou ter deixado suas mulheres na Inglaterra. Eram apenas solteiros. Caso Angel Claire tivesse existido, faria parte deste grupo minoritário de homens sós, solteiros ou que se passavam por tal. Se Tess tivesse vindo juntar-se a Angel, como ele chegou a imaginar, seriam mais um casal jovem, ainda sem filhos. Apesar da especificidade de Angel, poderiam os dois ser apenas mais uma família entre outras? Tess daria um tom rural à família, pois era uma *milkmaid*, uma trabalhadora da pecuária leiteira.

Como os imigrantes reais se auto-qualificavam? Pouquíssimos apresentavam-se como *farm labourer*, *agricultural labour*, *shipwright*, *groon* (com m é um moço de estrebaria), ocupações que podem indicar uma origem rural. Há também um *bricklayer* (pedreiro), diversos *carpenters*, um *butcher* (açougueiro), e mesmo um *engine-driver* (operador de máquinas) e um construtor naval, dois casos de trabalhadores industriais qualificados. Existia até um médico entre os colonos. Quem sabe um exilado moral como Angel Claire. No entanto, a grande maioria dizia pertencer à vaga categoria de *labourer* (trabalhador). Há, ainda, o caso extremo de Louis Renaudin: sem ocupação. O grupo, portanto, era majoritariamente composto de

---

LALLEMANT, Robert. *Viagens pelas províncias da Santa Catarina, Paraná e São Paulo*. (1858) Belo Horizonte: Itatiaia, 1980. p.277-8.

<sup>8</sup> Houve pelo menos um caso de menino inglês adotado por um brasileiro. BIGG-WITHER, op. cit. p.330.

trabalhadores urbanos desqualificados. A grande quantidade de imigrantes oriundos de Gloucestershire e Lancashire, remete aos portos de Bristol e Liverpool e ao centro industrial de Manchester.

Ainda assim, alguns historiadores britânicos insistem em dizer que esta imigração era constituída “fundamentalmente por granjeiros e suas famílias”.<sup>9</sup> Bigg-Wither, observador insuspeito, por ser inglês, esteve no Assungüi e conheceu diversos colonos ingleses em Curitiba. Quanto à origem desses imigrantes, foi categórico.

Dois terços eram evidentemente gente rude da cidade, pois tanto a fala como a aparência amplamente a denunciavam. Entretanto, o Governo brasileiro julgava inocentemente que estivesse importando ‘agricultores ingleses, bem familiarizados com os métodos aperfeiçoados de agricultura praticados no próprio país!’ Pobre Governo iludido!<sup>10</sup>

A citação do engenheiro é uma referência aos panfletos distribuídos na Inglaterra pelo governo brasileiro, com o objetivo de recrutar imigrantes. No fundo, Bigg-Wither acha ingênuos os métodos utilizados na política de imigração brasileira. Considerava as vantagens e adiantamentos oferecidos aos colonos como um paternalismo tolo. Ao mesmo tempo, ele era impiedoso com seus compatriotas.

O sistema pelo qual todo esse débito preliminar é acumulado parece, a princípio, ser mau, pois concede uma espécie de prêmio à ociosidade, que os imigrantes preguiçosos logo descobrem e dela fazem uso. Por exemplo, muitos imigrantes que encontrei em Curitiba diziam que, tendo conseguido tudo do Governo, isto é, uma passagem grátis da Inglaterra e todas as despesas pagas em Curitiba, iam trabalhar por conta própria, quando se lhes perdesse a identidade, pois não teriam de pagar o empréstimo da passagem e outras despesas. Conheço de nome diversos imigrantes que assim agiram.<sup>11</sup>

É como se dissesse que a um proletário inglês não se pode dar moleza, senão ele abusa. O proletário era considerado um pequeno bandido: *labour class, dangerous class*. Aliás, essa percepção era compartilhada pela elite local. Jesuíno Marcondes, uma das principais

<sup>9</sup> JONES, op. cit. p.293.

<sup>10</sup> BIGG-WITHER, op. cit. p.336.

<sup>11</sup> BIGG-WITHER, op. cit. p.333.

lideranças políticas da Província, era defensor da idéia de que só deveriam ser trazidos agricultores ao Paraná. Este temor tinha, inclusive, um caráter político. O ciclo das grandes revoltas das massas urbanas européias mal se encerrara e continuavam a assustar. O próprio Marcondes acompanhara, pessoalmente, a manipulação populista dessas massas, que resultaram no “Dezoito Brumário de Luiz Bonaparte”.<sup>12</sup> Isto explica, em parte, o receio de uma revolta armada, quando uma leva de imigrantes ingleses, acampada em Curitiba, recusou-se a ir para o Assungüi, incitada por outros que acabavam de retornar da colônia.<sup>13</sup>

Seria a condição proletária dos ingleses o motivo do fracasso? Em parte sim, em parte não. A origem camponesa dos imigrantes não era garantia de uma colonização bem sucedida. Como explicar o fracasso simultâneo das colônias de russos-alemães do Volga, instaladas nos Campos Gerais? Quanto a este contingente, não há dúvidas que fossem genuínos agricultores.<sup>14</sup> Há, nisto, uma estranha ironia. As autoridades inglesas atribuíam o insucesso do Assungüi à sua localização. Lamentavam que seus imigrantes não tivessem recebido terras nos planaltos. Por outro lado, os russos-alemães, instalados nos campos do segundo planalto, consideram as suas terras imprestáveis para a agricultura. O cônsul Hunt referia-se aos carroceiros alemães como exemplo de imigrantes bem sucedidos por disporem de uma alternativa econômica, o que não acontecia com os ingleses. No entanto, os carroceiros alemães, que ficaram no Paraná, formavam uma minoria perseverante, já que a maioria dos seus pares fracassou e voltou para a Rússia.

<sup>12</sup> ver MARCONDES, Moysés. *Pae patrono*; Jesuíno Marcondes de Oliveira e Sá. Rio de Janeiro: Anuario do Brasil, 1926. p.49.

<sup>13</sup> LAMB, Roberto Edgar. *Uma jornada civilizadora*; imigração, conflito social e segurança pública na Província do Paraná. 1867-1882. Curitiba: Aos Quatro Ventos, 1997. p.10-18.

<sup>14</sup> Este fracasso comprometeu a própria imagem paradisíaca que, desde Saint-Hilaire, era atribuída aos Campos Gerais, intensificando a procura de terras de matas para a agricultura. MACHADO, Brasil Pinheiro. Formação histórica. In BALHANA, Altiva Pilatti. (org.) *Campos Gerais*, estruturas agrárias. Curitiba: Departamento de História da Universidade Federal do Paraná, 1968. p.45.

O que unifica esses dois contingentes, tão díspares em tudo o mais, foi o repatriamento de ambos. Melhor seria dizer que ambos tiveram em comum, mas por motivos muito diferentes, a possibilidade de voltar. O império czarista nunca quis a saída desses imigrantes e acabou patrocinando a sua volta. Tratou-se, portanto, de um ato publicitário da política anti-emigração adotada pela Rússia. Já, no caso inglês, o repatriamento foi um misto de muitas coisas. O peso do grande Império, exercido através de seu corpo diplomático, era capaz de fazer forte pressão sobre os governos dos países sul-americanos, levando-os a pagarem o repatriamento ou a reemigração. Os colonos ingleses eram portadores de uma sedimentada cultura proletária de protestos e a utilizavam com insistência, até o ponto de as autoridades locais quererem se ver livres deles. Por último, para a comunidade inglesa de negócios, havia uma imagem a preservar. Foi ela a responsável pelo custeio de muitos repatriamentos. Após os conflitos no Paraná, levas de imigrantes andrajosos começam a chegar ao Rio de Janeiro. Foi o próprio cônsul G. Leunon Hunt, autor do Relatório sobre a colônia de Assungüi, que se encarregou de reunir os negociantes ingleses para enfrentar a questão.

Consulado Britânico - 14 de janeiro de 1874.

Chegaram a esta corte no dia 8 do corrente 46 colonos ingleses, vindos do Assungüi, e anuncia-se que na próxima terça-feira outros 55 devem sair do asilo de imigrantes. Acham-se estes indivíduos em estado de miséria, estando enfermos alguns dos que chegaram por último e grande número de crianças, tendo as pernas em deplorável estado por mordeduras de insetos. Hoje, 14 do corrente, às 2 horas da tarde, terá lugar neste Consulado uma reunião para a qual se pede encarecidamente o comparecimento dos residentes britânicos, a fim de se evitar que estes indivíduos morram de fome nas ruas do Rio de Janeiro.<sup>15</sup>

Ocorre que o imigrante inglês, do período, era um privilegiado. Diferentemente do que ocorria na maior parte da Europa, tratava-se de uma emigração assistida. O sistema inglês de

---

<sup>15</sup> Nota publicada no Jornal do Comércio, do Rio de Janeiro. Apud MARTINS, Wilson. *Um Brasil diferente*, ensaio sobre fenômenos de aculturação no Paraná. São Paulo: T. A. Queiroz, 1989. p.168.



assistência paroquial aos pobres era ainda vigoroso, mesmo após as emendas às leis dos pobres, em 1834. Estas reformas autorizavam que as paróquias ajudassem a financiar a emigração dos pobres. Os latifundiários eram obrigados a pagar uma parcela expressiva da ajuda social fornecida pelas paróquias. Essas ajudas eram encaradas como um investimento, que causaria a redução futura dos impostos de assistência, à medida que o problema dos pobres fosse resolvido através de sua 'exportação'. Todavia, muito cedo as paróquias que davam subsídio à emigração se deparam com o problema dos imigrantes que voltavam.<sup>16</sup>

O próprio sindicalismo inglês também subsidiava a emigração. Neste caso, o cálculo econômico era outro. O objetivo era reduzir o exército de mão-de-obra de reserva, que as teorias econômicas responsabilizavam pela depressão dos salários.<sup>17</sup> O quadro de apoio aos emigrantes era completado por diversas sociedades filantrópicas, dispostas a resolver a questão social inglesa através do incentivo à saída dos pobres.

É interessante perceber que foi a mesma reforma do *Poor Act*, de 1834, responsável por estimular a imigração, que abriu espaço ao encarceramento dos pobres em casas de trabalho.<sup>18</sup> Charles Dickens deu uma triste notoriedade a esses terríveis asilos. Nas décadas de 1970 e 80, a historiografia ocidental, através da nova esquerda inglesa e da influência de Foucault, transformou-os num de seus temas preferenciais. No entanto, o retorno dos imigrantes à Inglaterra leva-nos a reavaliar algumas certezas.

Aos imigrantes ingleses do Assungüi estavam postas três alternativas. Ficar na colônia agrícola. O que a maioria não estava disposta a fazer. Outra era transformar-se num proletário urbano da América do Sul. Em 1874, o reverendo Preston, da comunidade anglicana do Rio de Janeiro, mandou publicar no jornal o Dezenove de Dezembro, de Curitiba, um comunicado tentando impedir que eles fossem para a corte.

---

<sup>16</sup> JONES, op. cit. p.179.

<sup>17</sup> ver JONES, op. cit. p.181-4.

<sup>18</sup> GEREMEK, Bronislaw. *A piedade e a força*; história da miséria e da caridade na Europa. Lisboa: Terramar, s.d. p.277.



Se depois destas advertências vocês ainda continuarem determinados a vir ao Rio, tomo a liberdade de observar que devem estar conscientes de que vão trabalhar no Rio e nos arredores, pelo que vocês não serão capazes de ganhar mais do que 2\$ por dia, os residentes não podem subscrever mais dinheiro para mandá-los para casa.<sup>19</sup>

Há um claro tom de ameaça neste comunicado. Se fossem ao Rio, tornar-se-iam proletários urbanos ou rurais, com salários que mesmo um miserável inglês não seria capaz de aceitar. A opção pelas colônias agrícolas do Paraná já é um indicativo de que a proletarização agrícola ou urbana no Brasil não era nada atrativa para os imigrantes ingleses. Os europeus que se sujeitavam aos rigores das fazendas brasileiras imigraram preferencialmente para São Paulo.

A última opção era voltar para a Inglaterra e submeter-se ao sistema inglês de (mal)tratar os seus pobres. Esta foi amplamente preferencial e é isto que causa um certo estranhamento. De duas uma, ou o encarceramento não teve a magnitude que se costuma imaginar, ou para os miseráveis ingleses elas não eram tão terríveis assim. Muito pior era ficar numa colônia agrícola ou se transformar num trabalhador de fazenda, submetido a um regime próximo à escravidão. Voltaram, portanto, os ingleses, porque estavam presos a um padrão cultural específico. Não conseguiram dar uma volta atrás na sua condição de proletários ou miseráveis do Império que ditava as cartas ao mundo.

De volta à Inglaterra, o destino que os esperava era sabido. Trabalhadores desqualificados como eram, restava-lhes engrossar a marcha dos miseráveis em direção a Londres, tornando-se colonos de outro tipo. Tornar-se-iam o objeto de uma outra modalidade de relatório oficial. Não o do cônsul Hunt sobre a colônia do Assungüi mas o do médico Hunter sobre as “cerca de 20 grandes colônias em Londres com 10 mil pessoas cada uma, colônias cujas condições miseráveis excedem qualquer coisa jamais vista na Inglaterra”.<sup>20</sup>

<sup>19</sup> apud MARTINS, op. cit. p.167.

<sup>20</sup> Apud BRESCIANI, Maria Stella M. *Londres e Paris no século XIX: o espetáculo da pobreza*. São Paulo: Brasiliense, 1984. p.37. Se o imigrante retornado tivesse alguma qualificação, com muita sorte, conseguiria morar num dos cotages londrinos, como o descrito pelo o filho de um charuteiro. “Nosso apartamento consistia de um quarto grande de frente e um pequeno de fundos, que nós usávamos no inverno

Ao mesmo tempo em que eles retornavam, continuava a incessante imigração formiguinha alemã. Logo, seguiriam as desabaladas de Polacos, Rutenos e Vênetos, atacados por uma *south-brazilian fever*. Para esses imigrantes, a travessia do Atlântico era um *no return point*. Mesmo que fossem proletários ou miseráveis nos impérios Russo, Prusso e Austro-húngaro, de onde provinham, havia uma forte disposição de mudança. Os alemães do Paraná dedicaram-se, principalmente, aos pequenos negócios urbanos. Já os eslavos e italianos do norte perseguiram insistentemente o objetivo de se tornarem pequenos proprietários rurais.

Todos eles enfrentaram as mesmas dificuldades dos ingleses. As queixas pelo atraso nos pagamentos, pela qualidade das terras ou pela demora nos assentamentos eram comuns a todos. A imprensa, a correspondência consular e os relatórios dos Presidentes da Província e dos Chefes de Polícia são ricos depositários destas insatisfações. No entanto, estes imigrantes adotaram estratégias diferentes das utilizadas pelos ingleses. Eles simplesmente abandonavam as colônias que consideravam inadequadas, mas não voltavam para suas terras de origem. Mesmo porque, eis o ponto, não havia como voltar. E, se havia, esta não era uma opção aceitável. Melhor atravessar as agruras de um processo de migração mal conduzido do que retornar. Não se tratava, porém, de uma submissão passiva, pois eles exercitaram uma larga margem de opções, mesmo contra as autoridades estatais responsáveis.<sup>21</sup> O início da presença de alemães em Curitiba não foi

---

para guardados, especialmente de coisas que devessem ser conservadas em lugares frescos. No verão meu pai construía uns estrados no quartinho dos fundos que era onde nós dormíamos, pois no inverno dormíamos todos juntos no quarto grande. Eu era o mais velho, depois vinham Henry, Alexander, Uwis e Jack. Aquele quarto de frente servia de tudo para nós. Era sala, quarto de dormir, sala de jantar e cozinha, era, enfim, o centro de nossas pequenas e atropeladas vidas, e ali aprendíamos o que era ser criança no East Side de Londres". GOMPERS, Samuel. Da miséria de Londres à miséria de New York. In \_\_\_\_\_. Sindicalismo e trabalhismo nos E. U. A. Rio de Janeiro: Editora Presença, 1957. Trata-se das memórias de uma das principais lideranças do tradeunionismo americano.

<sup>21</sup> A idéia dominante de construir uma "civilização camponesa" no Paraná, à maneira da Europa, falhou em todos os sentidos. Ver BALHANA, op. cit. p.51. e PEREIRA, 1995, op. cit. p.368.

resultado de uma política oficial. Os que não se inadaptaram às colônias agrícolas de Rio Negro e, depois, de Joinville, vieram para a cidade. Os italianos também abandonaram as colônias onde haviam sido instalados no litoral paranaense. Foram atitudes semelhantes à criticada por Bigg-Wither em relação a alguns ingleses, que lhes permitiram permanecer no país.

A comparação entre imigrantes ingleses e polacos é interessante, pois parece uma famosa historieta contada nos livros de instrução religiosa. Duas pessoas devem escolher entre estradas alternativas. Aquela que escolhe a estrada boa no início, depara-se com um caminho infernal no fim. O inglês, que sai numa condição favorável de seu país acaba no inferno. A estada de Angel Claire no Brasil é sua passagem pelas regiões abissais. Não por acaso, ela ocorre num capítulo que Hardy denominou de "A conversão". A que escolhe a estrada cheia de dificuldades iniciais, encontra no final um caminho largo e aplainado. É o caso dos imigrantes polacos, que enfrentaram o inferno para sair da Rússia czarista para, finalmente, chegar a um lugar que eles descrevem como o paraíso terreno. Todavia, inferno e paraíso são um mesmo lugar.

Entre os imigrantes polacos encontravam-se poucos indivíduos de 'vocação urbana'. A grande maioria estava envolvida num projeto de preservação de sua identidade rural ou de retorno a ela. Uma demonstração bastante precisa deste aspecto já foi dada pelo historiador Marcin Kula, que utilizou como fonte historiográfica as cartas desses imigrantes para os seus parentes na Pol nia.<sup>22</sup> Tais cartas foram apreendidas pela polícia czarista, que procurava estancar o processo migratório.

Nessa correspondência, evidencia-se que os emigrantes que se deslocavam para o sul do Brasil faziam-no com o objetivo expresse de se manter, ou voltar a ser, 'camponeses', pois muitos eram proletários, como os ingleses. São sugestivas as recomendações de que não se deveria emigrar para São Paulo, pois o risco seria tornar-se um trabalhador rural assalariado ou um proletário industrial urbano.

---

<sup>22</sup> KULA, Marcin (ed.). Cartas dos emigrantes do Brasil. *Anais da comunidade brasileiro-polonesa*. v.8, 1977. p.9-117.

Nenhuma dessas alternativas apresentava interesse para tais emigrantes. Escapar da fábrica era um dos principais argumentos utilizados para chamar amigos ou parentes. “Peço-te que venha porque ficará bem melhor do que na fábrica”. “Podes chegar, pois se eu trabalhar durante três ou quatro anos estarei bem melhor do que na fábrica.”<sup>23</sup> “No navio não se alistem para fazendas ou fábricas”, recomendava um imigrante a seus parentes que estavam para embarcar.<sup>24</sup> Outro, que nos primeiros anos da república foi desavisadamente parar em São Paulo, descrevia a sua luta para não se tornar um proletário rural:

Comunico-vos que ao chegarmos ao Brasil, à Província de São Paulo, permanecemos em casas para imigrantes, semelhantes a quartéis. Lá recebemos a manutenção e pouso durante 8 dias. Durante estes dias quiseram tirar-nos de lá e atirar fora porque não aceitamos inscrições para fazendas, isto é para trabalhar para a nobreza, que cultiva café (....). Nas fazendas desta nobreza é assim, em sua fazenda o dono, por desobediência pode mandar fuzilar, não há nenhuma lei que impede, porque no Brasil é República o que significa liberdade de nobreza.<sup>25</sup>

Alguns imigrantes que se instalaram no Paraná alcançaram o objetivo de se tornarem pequenos granjeiros, em moldes europeus. Outros, apesar das advertências, viraram proletários urbanos. A maioria, no entanto, assumiu uma feição híbrida, que reunia as condições de agricultor, criado doméstico e operário.<sup>26</sup> Na periferia de Curitiba, viviam famílias sobre as quais é difícil saber se complementavam seus salários com uma produção agrícola, ou se complementavam a renda obtida na agricultura com os salários de alguns de seus membros, empregados como operários ou criados

---

<sup>23</sup> KULA, op. cit. p.54.

<sup>24</sup> KULA, op. cit. p.108.

<sup>25</sup> KULA, op. cit. p.115.

<sup>26</sup> PEREIRA, Magnus R. M. *Semeando iras rumo ao progresso*. Curitiba: Editora da UFPR, 1996. p.175. Ver, também, \_\_\_\_\_. *A gosto e capricho dos primeiros proprietários: a trajetória de uma cidade brasileira nos séculos XVIII e XIX*. *Jarbuch für geschichte von staat, wirtschaft und gesellschaft lateinamerikas*. Köln, v.32, 1995. p.364-8.

urbanos.<sup>27</sup> Tratava-se de uma estratégia familiar que lhes permitiu atravessar as agruras dos momentos iniciais da colonização, a qual a maioria dos ingleses não soube ou não foi capaz de adotar.

A situação parece contradizer a teoria de que, entre os protestantes, está disseminada uma ética capitalista da acumulação. No Paraná, polacos e italianos católicos parecem muito mais próximos desta ótica do que ingleses. Note-se que todas as vantagens estavam com os britânicos. Apesar de todas as desvantagens iniciais, estes outros grupos acabaram por ser relativamente bem sucedidos enquanto a maioria dos ingleses voltou, reoptando pela condição de proletário ou miserável em seu país de origem.

A publicação deste relatório e das petições anexas vêm ampliar a documentação disponível para que possamos entender este processo que tanto chamou a atenção pública e da imprensa, do Brasil e da Inglaterra, durante o século XIX. O Relato do cônsul tem valor próprio como documento consular interessado e como relato de viagem, o que não deixa de ser. Já, as petições permitem ouvir um pouco a fala do imigrante. Infelizmente, neste caso, temos falas mediadas pelo cônsul Hunt, que lhes deu o caráter quase padronizado de documentos institucionais. As manifestações correlatas, existentes na documentação institucional brasileira, padecem do mesmo problema.

George Brains, sua mulher e três filhos de idade 4 ½, 3 e 1 ½ - naturais de Bristol, chegaram em Julho último no 'Idimburger Castle'. Foram enganados em Bristol por um Snr. Pearce de Queens Square. Foram enviados para o Assungui onde deram-lhe um telheiro para habitação no qual mal podiam acomodar-se, foram alimentados com feijão e farinha, obtendo carne com intervalos de 2 a 3 semanas. Que nunca recebeu um real do Governo. Que deixou a colônia por conselho do Diretor que estava sem fundos, que não podiam dar trabalho, que não há médico na colônia, que ultimamente foi lhe oferecido um terreno nas matas que ele teria de

---

<sup>27</sup> BUENO, Wilma de Lima. Um olhar sobre a diferença: polacas ou polonesas em Curitiba. In TRINDADE, Etelvina M. & MARTINS, Paula V. *Mulheres na história*; Paraná - séculos 19 e 20. Curitiba: Departamento de História da UFPR, 1997. p.27-42.

limpar, conforme o Diretor Geral interino Alexandre Afonso de Carvalho.<sup>28</sup>

Ainda assim, esta documentação é única. A ela apenas se comparam as cartas dos imigrantes poloneses, às quais nos referimos. Com a desvantagem de que a maioria destas cartas foi produzida por imigrantes que foram para o Rio Grande do Sul.

Na historiografia paranaense, o tema da imigração têm, recentemente, recebido uma série de aportes, que buscam tirá-lo do marasmo e repetição em que havia caído. O caso dos colonos ingleses, por exemplo, foi muito recentemente enriquecido com a publicação de *Uma Jornada Civilizadora*, do historiador Roberto Edgar Lamb. A questão das estratégias de sobrevivência das famílias emigrantes também vem ganhando força. Cacilda Machado estuda um caso específico entre os imigrantes alemães em seu livro *De Uma Família Imigrante*. Já, Maria Luiza Andreazza estuda o caso dos imigrantes rutenos em sua tese de doutorado *O Paraíso das Delícias*, infelizmente ainda não publicada. O objetivo da presente edição do Relatório sobre a Colônia Assungui é contribuir com este debate renovado sobre o tema da imigração.

### BIBLIOGRAFIA

- ANDREAZZA, Maria Luiza. *O paraíso das Delícias*; estudo de uma comunidade imigrante ucraniana. Tese. Doutorado, UFPR, 1996.
- AVÉ-LALLEMANT, Robert. *Viagens pelas províncias da Santa Catarina, Paraná e São Paulo*. (1858) Belo Horizonte: Itatiaia, 1980.
- BALHANA, Altiva Pilatti. (org.) *Campos Gerais*; estruturas agrárias. Curitiba: Departamento de História da Universidade Federal do Paraná, 1968.
- BIGG-WITHER, Thomas. *Novo caminho no Brasil meridional*, a Província do Paraná. Rio de Janeiro: José Olympio, 1974.
- BRESCIANI, Maria Stella M. *Londres e Paris no século XIX: o espetáculo da pobreza*. São Paulo: Brasiliense, 1984.

---

<sup>28</sup> PARANÁ. Ofícios. 8 de maio de 1873. DEAP, ano 1873, vol.11, ap.409. Apud LAMB, op. cit. p.21.



- BUENO, Wilma de Lima. Um olhar sobre a diferença: polacas ou polonesas em Curitiba. In TRINDADE, Etelvina M. & MARTINS, Paula V. *Mulheres na história*, Paraná - séculos 19 e 20. Curitiba: Departamento de História da UFPR, 1997. p.27-42.
- GEREMEK, Bronislaw. *A piedade e a força*; história da miséria e da caridade na Europa. Lisboa: Terramar, s.d.
- GOMPERS, Samuel. Da miséria de Londres à miséria de New York. In \_\_\_\_\_. *Sindicalismo e trabalhismo nos E. U. A.* Rio de Janeiro: Editora Presença, 1957.
- HARDY, Thomas. *Tess of the D'Urbervilles*. New York: W. W. Norton, 1979.
- JONES, Maldwyn A. *El Reino Unido y América*; emigración británica. Madrid: Editorial Mapfre, 1992.
- KULA, Marcin (ed.). Cartas dos emigrantes do Brasil. *Anais da comunidade brasileiro-polonesa*. v.8, 1977. p.9-117.
- LAMB, Roberto Edgar. *Uma jornada civilizadora*; imigração, conflito social e segurança pública na Província do Paraná. 1867-1882. Curitiba: Aos Quatro Ventos, 1997.
- MACHADO, Cacilda. De *Uma família imigrante*; sociabilidades e laços de parentesco.. Curitiba: Aos Quatro Ventos, 1998.
- MARCONDES, Moysés. *Pae patrono*; Jesuíno Marcondes de Oliveira e Sá. Rio de Janeiro: Anuario do Brasil, 1926.
- MARTINS, Wilson. *Um Brasil diferente*; ensaio sobre fenômenos de aculturação no Paraná. São Paulo: T. A. Queiroz, 1989.
- PEREIRA, Magnus R. M. *Semeando iras rumo ao progresso*. Curitiba: Editora da UFPR, 1996.
- \_\_\_\_\_. A gosto e capricho dos primeiros proprietários: a trajetória de uma cidade brasileira nos séculos XVIII e XIX. *Jarbuch für geschichte von staat, wirtschaft und gesellschaft lateinamerikas*. Köln, v.32, 1995. pp.333-71.